

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**RESOLVER PROBLEMAS DO CORAÇÃO OU SEXO?
REPRESENTAÇÕES FEMININAS SOBRE INFIDELIDADEⁱ**

RACHEL DE OLIVEIRA ABREU

Socióloga e Antropóloga

Docente das Faculdades Integradas Ipiranga-Faz (Adepa)

Antropóloga da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Regional (Sedurb)

Socióloga da Vetec Engenharia Ltda

Resumo: As mulheres diferem entre si e suas representações sociais são conflitantes e, freqüentemente, contraditórias. A pesquisa constatou que algumas mulheres vêem a infidelidade como gratificação de um apetite, ou mais genericamente a satisfação de desejos. O desejo determina o comportamento extraconjugal. O que mostra que a mulher está mais liberada em relação à sexualidade e busca maior igualdade afetiva e sexual, não espera ser objeto de desejo apenas para o parceiro, mas para outros homens também. Para uma parcela de mulheres, esse envolvimento deixou de ser a busca de satisfação afetiva, para representar a realização de seus próprios desejos. Logo, seria equivocado dizer que mulheres querem resolver problemas do coração.

Palavras-chave: infidelidade, representações, mulheres

**TO DECIDE PROBLEMS OF THE HEART OR SEX? FEMININE REPRESENTATIONS ON
INFIDELITY**

Abstract: The women differ between itself and its conflicting social representations are e, frequently, contradictory. The research evidenced that some women see the infidelity as gratuity of an appetite, or more generically the satisfaction of desires. The desire determines the extramarital behavior. What sample that the woman is more set free in relation to the sexuality and searches greater affective and sexual equality, does not wait to be object of desire only for the partner, but for other men also. For a parcel of women, this involvement left of being the search of affective satisfaction, to represent the accomplishment of its proper desires. Soon, it would be maken a mistake to say that women want to decide problems of the heart.

Keywords: infidelity, representations, women

*...A monogamia é o mais difícil dos arranjos
maritais entre humanos...”*

Viver como casalⁱⁱ pode parecer um recurso importante de construção de felicidade ou de evitação de infelicidade para uma parcela de pessoas, seja para espelhar-se em gerações anteriores, pelo medo da solidão ou para dividir tarefas cotidianas. De acordo com Paterniani (1997), sejam quais forem as razões, o fato é que o ser humano, quase sempre,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

busca viver em par. O que se vê é que as pessoas buscam objetivos ou a realização de objetivos que, nem, sempre, são atingidos. Na verdade o ideal de felicidade monogâmica para mulheres e homens nem sempre é alcançado.

Ser e viver como casal pode ser, aparentemente, fácil, o que se imagina e vislumbra é que ambos se amam, desejam as mesmas coisas e se comprometem a seguir as regras monogâmicas impostas socialmente. Trilhar por este caminho parece ser possível, mas o percurso guarda perigos, ciladas, armadilhas ou estratégias: como as infidelidades, que nem sempre ocorrem por falta de amor, afeto ou prazer.

A pesquisa ressalta que por mais que existam duas pessoas regidas pela exclusividade, afetiva ou sexual, e com direito a cobranças, ainda assim, existirão relações mais ou menos abertas.ⁱⁱⁱ Quero deixar claro que aqui entre as pesquisadas não foi constatado nenhum tipo de relacionamento que sigam este padrão ‘aberto’. Isso mostra que está havendo afrouxamento nos comportamentos afetivos e sexuais, mas não significa dizer que as pessoas estão totalmente livres dos limites sociais e da censura. Apresento a seguir as personagens^{iv} que compartilharam um pouco de suas vidas com a pesquisadora.

Cibeli “... tem que inovar, não pode cair na rotina...”^v

Branca, de 25 anos, estatura mediana, com formação escolar de nível médio, trabalha como auxiliar administrativo de uma instituição estadual, casada há quatro anos com um contador e tem uma filha de quatro anos. Afirma gostar muito do cônjuge, mas não pretendia tê-lo como marido, seu casamento foi decorrente de uma gravidez não planejada. O enlace foi inevitável, pois a família de ambos não viam com bons olhos aquela situação de ‘mãe solteira’ e pressionaram para que a união fosse oficializada. Encontramos um pouco desse contexto nos estudos de Thales de Azevedo (1986), o qual traça o histórico de muitas das uniões no Brasil, no final do século XIX e começo do século XX. Os arranjos feitos entre as famílias estabeleciam relações econômica, social, e estas se uniam pelo



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

casamento de seus filhos. As uniões eram realizadas, principalmente, com o objetivo de perpetuação das obrigações morais e tradições familiares. As relações amorosas praticamente não eram levadas em consideração.

Esta forma de constituição da família foi se modificando paulatinamente e, em um primeiro momento, pode-se acreditar que o amor romântico se constituiu um aspecto forte o bastante para sedimentar esta nova transformação da constituição familiar (Giddens, 1992; Costa, 1999). Com o consentimento individual no estabelecimento das relações as uniões passaram a considerar os valores afetivos. A escolha do parceiro, agora, pautada pela simpatia, atração física e correspondência afetiva. Mas, esses valores estão subordinados a regras sociais.

Depois do casamento, muita coisa mudou, como diz a interlocutora “... *no namoro a gente não dormia junto todo dia, e agora também tem as obrigações sexuais, às vezes eu não estou afim e já faço porque ele está afim...*”. A sedução, o mistério da descoberta de um e outro, como na fase inicial do namoro, parece ter ficado para trás, o convívio diário recheado pelos deveres domésticos e obrigações do casal, algumas vezes, impedir que ambos invistam no relacionamento, deixando-o cair na monotonia. O lazer, as saídas para festas, que antes eram compartilhados com amigos, agora é algo raro de acontecer, pois mesmo que haja confiança recíproca entre o casal, a sociedade não vê com bons olhos a mulher casada saindo com pessoa que não seja seu cônjuge. De acordo com Amaral (1999) o casamento é uma instituição que possui um conjunto de leis, normas, valores, regras e lógicas que orientam o comportamento das pessoas na sociedade (Amaral, 1999).

O casamento traz a idéia de construção, que requer trabalho de cada um para sua manutenção. Então, passou a refletir melhor, sobre os cansaços, a falta de tempo, as dívidas, e achar soluções para esses desgastes. Hoje a harmonia do casal é fruto de longas conversas e de estratégias para apimentar a relação.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

“... quando a gente vê que está caindo na rotina a gente pensa logo em fazer alguma coisa diferente, vai pro samba... você tem que inovar, tem que topar tudo, realizar as fantasias de um e outro, como ter uma relação a três, ele comigo e mais uma mulher, ou, eu com ele, e outro homem...”

A produção das fantasias sexuais pelo casal funciona como uma forma de sustentar a estabilidade da união. Entretanto, ao mencionar essas fantasias, fiquei imaginando o quão contraditório é o depoimento da informante. Então, perguntei se isso não seria um tipo de infidelidade, pois mesmo tendo o consentimento do marido, ainda assim, há um compartilhamento da parceira ou do parceiro com outras pessoas. Tal indagação me perturbou, pois Cibeli pensativa respondeu *“... é verdade, eu não tinha me dado conta disso...”*. Depois da resposta e de minha perplexidade, pensei *“pronto, acabei com o casamento!”*. Mas, depois analisando a história, refleti sobre a ausência de certeza sobre o que é ou não infidelidade? E descobri que pode ser uma forma de justificar conduta que se considera errada, ou a tentativa de classificar comportamentos que os informantes não aceitam.

De acordo com Bozon (2004) as fantasias sexuais de mulheres e homens denotam que ambos sonham, nas mesmas proporções, com parceiros e parceiras de fantasia com uma sexualidade transbordante ou, inversamente, de comportamento carinhoso e romântico. As investigações do autor, na França dos anos 90, mostra que esse tipo de fantasia corresponde a um fenômeno superficialmente ligado ao não-conformismo sexual dos casais, que se encontrariam para realizar experiências ‘libertinas’. A sociedade estabelece exigência e regras induzindo obrigações aos indivíduos a fim que se preocupem com a coerência de seus comportamentos sexuais. Portanto, cabe aos próprios sujeitos estabelecer o significado de sua conduta sexual e resolver as contradições do pensar e do fazer na sexualidade contemporânea.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Nazaré, a escapada!^{vi}

De cor clara, de 24 anos, estatura baixa, loira, bronzeada de sol, corpo bem delineado, o que explora através das roupas que usa, estando quase sempre de mini-saia e blusas justas, trabalha como manicure e pedicure em um pequeno salão de beleza, segue a religião católica, mas não praticante, tem um filho, do relacionamento anterior, que mora com os avós maternos, exigência do atual parceiro, que não pretende ter filhos com a informante. Ela está no segundo casamento. Seu atual parceiro trabalha como camelô no centro comercial da cidade, vendendo artigos diversos. Nazaré diz estar feliz com o relacionamento, mas reclama que o marido é grosso, a humilha, e a agride fisicamente quando está alcoolizado, fazendo-a passar constrangimentos, muitas vezes em áreas públicas. A informante relata que nessas horas não reage, fica sem ação, por não ver o motivo da agressão. Por não querer voltar a morar na casa dos pais, a mesma não cogita a hipótese de separação, ela nutre a idéia de ganhar na mega sena^{vii} ou jogo do bicho,^{viii} e ficar rica. Tendo dinheiro, ela diz que pretende ajudar a todos os familiares, até mesmo o irmão que diz não gostar dela.

A função que desempenha no salão, de manicure e pedicure, não é levada a sério por ela, pois às vezes destrata os clientes, e na maioria dos dias de trabalho está sempre de cara emburrada. Em algumas ocasiões, até mesmo me tratou mal, quando fui fazer as unhas, sendo que deixou-me de mãos e pés de molho na água e sumiu. Quando voltou, eu estava com todos os dedos irritados e enrugados, mas o que não se faz por algumas informações. Mas tudo bem, como já havíamos conversado outras vezes, e Nazaré sempre contava histórias de sua vida sentimental, achei importante arriscar e tentar aprofundar mais a questão. Logo a conversa estava fluindo, eu sem indagar muitas coisas para não intimidá-la e até mesmo travar o assunto. Num determinado momento ela começou a falar, da vida com o marido sem mostrar inibição, disse que mesmo vivendo com ele, ela saía com um outro



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

homem, como diz “*é um pedaço*”, “*um moreno*”. Ele também, o outro, é comprometido, tem namorada fixa, mora sozinho, e deve trabalhar pelas redondezas do salão, pois frequenta o lugar, onde inclusive, se conheceram. Ela diz não ter ciúmes da namorada dele e afirma que ele, também, não sente nada “*é apenas uma escapada, para fugir da rotina, e olha é bom!*”, exclamou!

Ela diz que em nenhum momento essas experiências resultam de dificuldades no relacionamento com o marido, e nem mexem com seu casamento, ela diz que sexo com ambos, o marido e o amante, é “*muito bom*”, não há desvantagem entre um e outro, o diferencial é que “*sai um pouco da rotina*” deixando sua vida mais excitante. A informante afirma que não chega a ser uma infidelidade pois “*os sentimentos não estão em jogo*”. Recentemente ela descobriu que o amante não estava mais com a namorada, tinham terminado, fato que a preocupou, esboçando ver isso como um problema, pois alegou não querer “*ninguém pegando no seu pé*”, bastando o que ela já tem em casa.

A história de Nazaré mostra que ter outra pessoa fora do seu vínculo afetivo e sexual é uma maneira de deixar o cotidiano mais excitante. A adrenalina do perigo de manter um relacionamento clandestino é uma das maneiras de fugir dos problemas do dia-a-dia. Quando afirma que não há diferenças sexuais entre o amante e o marido, é possível perceber que o envolvimento extraconjugal é nutrido apenas para acrescentar brilho em sua vida estável. A mesma também não vê este envolvimento como uma infidelidade, pois o emocional é nutrido apenas para marido.

Lorena, e os dois irmãos^{ix}

Branca, de 32 anos, alta, loira, bronzada do sol, um pouco acima do peso, mas ainda mantém formas. Trabalha como esteticista em um pequeno salão de beleza, é evangélica e têm dois filhos, uma menina de 15 anos e um menino de 10 anos, frutos de relacionamentos diferentes, sendo que apenas a menina vive com Lorena, enquanto que o menino mora com



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

o pai, pois a informante “*acha melhor*”. Ela está no segundo casamento, se diz satisfeita, mas reclama que o marido é grosso e frio. Ele trabalha como funcionário de um jornal da cidade, durante o horário noturno.

Conheci a história de Lorena e seus “*dois irmãos*” quando fui fazer uma limpeza de pele no salão de beleza onde trabalha, ainda não nos conhecíamos, mas na hora de iniciar o processo de limpeza iniciamos uma conversa amistosa, pelo menos para mim, o mesmo não parecia para ela, pois, em alguns momentos senti que seus olhos fechavam e as mãos paravam. Diante disso, comentei que ela parecia estar muito cansada e que o dia parecia ter sido estressante. Ela esboçou um sorriso e disse que iria buscar uma Coca-Cola para espantar o sono. Quando voltou, veio com um sorriso maroto dizendo que estava “*enrolada*”, eu com toda a minha intromissão, questionei se isso era bom ou ruim, e para minha surpresa consegui mais um relato, parece que a temática de alguma forma estava me seguindo.

Sua história extraconjugal teve início quando seu cunhado, irmão de seu marido, por ter brigado com a esposa por ela tê-lo traído, saiu de casa e foi morar na casa do irmão. Logo, Lorena, sua filha, o marido e o cunhado estavam morando na mesma casa. Quando chegou no mês das férias escolares, Lorena teve uma semana de folga do salão de beleza, aproveitou a oportunidade e alugou uma casa, antecipadamente, na ilha do Mosqueiro/PA e viajou com a filha para saborear seus dias de folga e esperar o marido que iria no final de semana. Seu marido preocupado em não deixá-la sozinha durante a semana pediu ao irmão que fosse junto com ela para protegê-la de algum transtorno que pudesse vir a acontecer.

E assim seguiram rumo à bucólica. Lorena confessa que gosta muito de bebidas alcoólicas, e que quando bebe vira “*cão*”,^x não se responsabiliza pela fidelidade se o marido não estiver por perto. Quando chegou na Ilha o divertimento começou regado a muita música, praia, sol e muita bebida. Segundo a informante essa mistura foi “*tentadora*”, e depois de já estar de “*cabeça cheia*” começou a flertar com o cunhado, que



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

também respondeu aos olhares. Não demorou muito para que ambos ficassem juntos, cenas que foram presenciadas pela filha de Lorena. Talvez pelo excesso de bebida alcoólica ela não tenha se preocupado em esconder.

Quando chegava o final de semana, a presença do marido era constante e *“tudo ficava na maior paz”* e ninguém comentava nada. Segundo Lorena, dias antes do marido chegar à ilha, ela ligava no meio da semana para demonstrar sua preocupação por ele estar sozinho na cidade, deixando claro que estava com muitas saudades.

As férias acabaram, mas o romance continuou. Os três continuaram vivendo sob o mesmo teto, quando o marido sai de casa para trabalhar, ela passa as noites em claro com o cunhado, este era o motivo do sono de Lorena. A mesma diz que o cunhado faz carinhos que o marido nunca fizera, como esfolar os pés^{xi} dela quando chega cansada do trabalho, e fica impressionada ao observar o quanto o marido é grosso e o cunhado carinhoso. Ela confessa que algumas vezes sente-se arrependida, mas não por estar tendo relações com outro homem, mas por esse homem ser irmão de seu marido. Os laços de parentesco são complicados. Afirma que sua relação com o cunhado é apenas sexo, atração física, e quem realmente ama é o marido, pois ele apesar de *“ter jeito rude e frio”* é o que *“dá as coisas pra ela”*.

De acordo com Lorena o sexo quer dizer muitas coisas, denota que ela ainda é amada, desejada. Aqui, as representações de infidelidade, interpretadas nos casos relatados acima mostram que o envolvimento extraconjugal nem sempre é decorrente de queixa em relação a vida sexual com o marido. O que noto é que foram envolvimento decorrentes de oportunidades criadas no cotidiano feminino, dependendo do momento e dos sentimentos envolvidos, o que parece refletir o medo do estigma social (Goffman, 1980). Ter relações extraconjugais parece ter ficado mais fácil em razão das mudanças estruturais na rotina das mulheres. Incluem-se aí fatores como a convivência com mais homens no ambiente de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

trabalho, o anonimato dos contatos na *internet* ou a vida profissional atribulada com ausências que nem sempre despertam desconfianças (Pinheiro, 2004).

Verifica-se através dos depoimentos que mesmo aqueles que comungam de relacionamento durável, não limitam suas atividades sexuais à conjugalidade. O nó que se desata no terreno da infidelidade feminina, é que as mulheres começaram a se destituir da culpa de trair, isso faz crer que estão se ‘aproximando’ de uma postura masculina. Então, esse perfil parece estar em mudança. De acordo com Bozon, no século XVIII o lado feminino raramente podia conduzir a vida amorosa de maneira independente, desejosas de organizar seus prazeres. Portanto, hoje a mulher se permite viver uma relação paralela movida pela atração física, mas com características femininas, como maneira de exercitar a sedução e a procura por um brilho a mais no dia-a-dia. O conceito de infidelidade pode estar impregnado de elementos da cultura que moldam os padrões de relacionamento, determinando as formas de como os envolvimento acontecem dentro e fora da conjugalidade afetiva.

As personagens da pesquisa acreditam em suas representações sociais, mesmo não praticando-as, razão porque vale a pena estudá-las. Poderia, então, a partir daí afirmar que as representações humanas sobre infidelidade são ricas e constitui um universo de possibilidades. Trabalhar com o ser humano é buscar compreender a variedade de informações e possibilidades múltiplas, tornando-se, assim difícil construir tipologias. Entretanto, as representações são regidas, aparentemente, de forma simples e sem regras, mas na verdade estão construídas por uma série de preceitos sociais, e não são tão livres quanto o discurso pretende representar.

A complexidade das representações aqui apresentadas é essencial para explicar o porquê de focalizar a realidade não de um grupo ou comunidade particular, mas mostrar um espectro cultural mais amplo, em que os indivíduos utilizam para construir suas realidades. Como define Ginzburg (2001) as idéias e práticas circulam na sociedade porque as mais



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

diferentes categorias estão em contato entre si, possibilitando momentos de interação e de aprendizagem mútua. Mesmo que algumas representações tenham se apresentado de forma similar, mas o significativo é que mesmo assim mostraram um conteúdo variado, pois as realidades são distintas, construídas de forma diferente por membros de classes sociais diversas.

Através das histórias de vida narradas observei que a mulher está mais liberada em relação a sexualidade e busca maior igualdade afetiva e sexual, não esperam ser objetos de desejo apenas para seus parceiros, mas para outros homens também. Embora pertençam a relações socialmente estabelecidas e pautadas pelo pacto de exclusividade, a infidelidade para essas colaboradoras muitas vezes não é vista como uma prática ilícita, pois elas não se percebem e não se assumem como sendo infiéis, não se sentem mais propriedades, e buscam satisfação extraconjugal, seja em diálogos via internet, no ‘ficar’, em carícias sem compromisso e até na realização de fantasias sexuais. A ausência de sentimentos de culpa é fator importante que justifica a não percepção de infidelidade, pois se verificou que infidelidade afetiva e sexual só ocorre caso haja envolvimento emocional. O desejo é o que determina o comportamento extraconjugal, não o emocional, não se trata de amor, mas de atração/desejo físico. Mas, esperam que seja, fundamentalmente, alguém que as atraía sexualmente, que seja carinhoso e compreensivo, mas não quer dizer que precise necessariamente amá-las, ou seja, assimilam bem a idéia de sexo sem compromisso. Então, aqui seria equivocado dizer que mulheres querem resolver problemas do coração.

A maioria dos casos de infidelidade encontrada aqui pode estar ligada não à inabilidade de manter relacionamento emocional satisfatório, mas por um desejo de experimentar um novo e proibido relacionamento afetivo e sexual ou a necessidade de sentir o nível intenso de paixão, sedução e sensação de estar apaixonado e tudo que está associado a essas emoções. Possivelmente, a necessidade de experiências emocionais ‘novas’, seja o desejo de redescobrir os sentimentos, que estão adormecidos na



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

conjugalidade, que ocorrem no início de um novo relacionamento amoroso, produz satisfações não encontradas no cotidiano do interlocutor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Telma. 1999. *E o casamento como vai?* Dissertação de Mestrado em Antropologia. Belém, DEAN/UFGA. (mimeo)
- BOZON, Michel. 2004. *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro, FGV.
- GIDDENS, Anthony. 1992. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo, UNESP, 1992.
- GINZBURG, Carlo. 2001. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras.
- GOFFMAN, Erving. 1980. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar.
- PATERNIANI, Ana Lúcia Stipp. 1997. "A aventura do casal contemporâneo" IN *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. n° 8. pp. 46-60.
- PINHEIRO, Daniela. 2004. "Infidelidade: eu traio, tu traís, ela também" IN *Revista Veja*. São Paulo, Editora Abril, n 1875. pp. 84-91.
- _____. 2006. "Trair e teclar, é só começar" IN *Revista Veja*. São Paulo, Editora Abril, n° 1940. pp. 73-86.
- ZARMATZ, Leandro. 2001. "Monogamia, monogamia, monogamia, monotonia?" IN *Revista Superinteressante*. São Paulo, Editora Abril, p. 41-44, nov/2001.

Recebido: 10/03/2011

Aceito: 30/03/2011

ⁱ O artigo é fruto da pesquisa (ainda em andamento) *Infidelidades: representações femininas e masculinas* do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, UFGA, Belém.

ⁱⁱ Quando utilizo a expressão 'casal' estou me referindo ao par, independente de ser namoro ou casamento.

ⁱⁱⁱ Relações que por mais que tenham vínculos de obrigatoriedade e exclusividade afetiva ou sexual, ainda assim, mantêm envolvimento extraconjugal, mas sem o parceiro tomar conhecimento. Informações verificadas no campo.

^{iv} Optei por trabalhar com nomes fictícios para evitar constrangimentos e manter sigilo sobre a identidade das informantes.

^v Trecho extraído do depoimento de Cibeli.

^{vi} Registro selecionado do caderno de campo, pois, as condições de obtenção da entrevista, conversa informal, entre uma sessão e outra de ida da pesquisadora ao salão para cuidar das unhas, não permitiram maior formalidade.

^{vii} Jogo que dá prêmios duas vezes por semana, às quartas e aos sábados, são pagos milhões de reais para quem acerta os seis números sorteados. E também há premiação para aqueles que acertarem quatro ou cinco números.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

^{viii} O jogo do bicho é um jogo de apostas baseado nos 25 bichos. Cada bicho tem um número e corresponde também a 4 dezenas (de 01 a 00) e a algumas centenas e milhares. As apostas são feitas a partir de combinações entre os animais, seus números e as dezenas ou milhares a eles relacionados. Os sorteios são feitos duas vezes ao dia pelos bicheiros de cada banca e nas quartas e sábados seguem os resultados da loteria federal. Não há limites para as apostas, mas os bicheiros podem recusar jogos se perceberem que não poderão pagar o prêmio.

^{ix} Informações registradas no caderno de campo, pois a informante aceitou apenas manter conversa informal.

^x Quando ingere álcool Lorena assume posição de “virar cão” que pode designá-la genericamente de mulher ousada, disposta, esperta, mulher que se entrega a outro, e quebra o pacto de fidelidade conjugal.

^{xi} Uma parte importante do nosso corpo que funciona como sua base de sustentação, porém é muitas vezes esquecida ou desprezada. A função de Lorena no Salão exige que fique em pé, quase que, o dia todo. Portanto, quando chega em casa, depois de um dia movimentado e cansativo, geralmente seus pés estão inchados e doloridos.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br